

A Anta do Couto dos Algarves 2 - Crato

Leonor Rocha*

Resumo

Apresentação dos resultados obtidos na escavação efectuada em Julho de 1999 na Anta do Couto dos Algarves 2, no Crato.

O monumento apresentava-se, à partida, em bom estado de conservação, com a mamoa bem visível na paisagem. A escavação permitiu verificar, no entanto, que este havia sido violado estando os materiais pré-históricos completamente descontextualizados.

Palavras-chave: Megalitismo. Escavações arqueológicas. Anta. Couto dos Algarves, Crato.

Résumé

Présentation des résultats des travaux archéologiques entrepris en Juillet de 1999 dans le dolmen de Couto dos Algarves 2, Crato.

Le monument se trouvait, à première vue, en très bon état de conservation. Toutefois, pendant la fouille on a observé qu'il a été violé et que les matériaux archéologiques préhistoriques se trouvaient hors contexte.

Mots-clé: Mégalithisme. Fouilles archéologiques. Dolmen. Crato (Portugal).

2. Contexto Histórico e Arqueológico

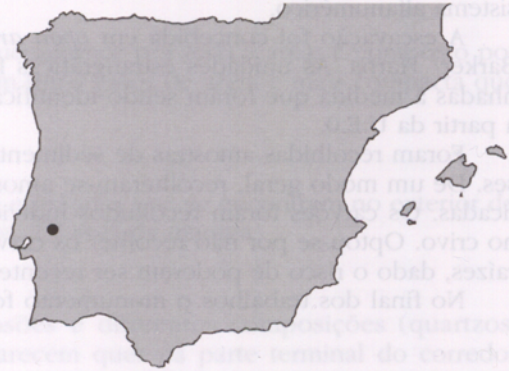
O sítio arqueológico foi identificado durante os trabalhos de prospecção efectuados pelo Dr. Rui Pereira, que gentilmente me cedeu os seus dados. Uma primeira descrição deste sítio foi já apresentada por este investigador (Pereira, 1996).

O monumento apresentava uma mamoa muito bem conservada, sendo a intervenção junto ao esteiro de cabeceira, no exterior da câmara funerária,

* Arqueóloga do IPA - Extensão do Crato; Investigadora da UNIARQ (F.L.L.); Doutoranda na F.L.L.

1. Localização e Caracterização Geográfica

O monumento megalítico do Couto dos Algarves 2 encontra-se localizado numa área aberta e relativamente plana, perto de uma linha de água. Em termos administrativos localiza-se na freguesia do Crato e Mártires, concelho do Crato, distrito de Portalegre.



2. Contexto Histórico e Arqueológico

O sítio arqueológico foi identificado durante os trabalhos de prospecção efectuados pelo Dr. Rui Parreira, que gentilmente me cedeu os seus dados. Uma primeira descrição deste sítio foi já apresentada por este investigador (Parreira, 1996).

O monumento apresentava uma mamoa muito bem conservada, sendo apenas visíveis o topo do esteio de cabeceira e de outros quatro esteios, antes da intervenção. Junto ao esteio de cabeceira, no exterior da câmara funerária,

sobressaía um grande carvalho, cujas raízes penetravam no interior do monumento e, naturalmente, dificultaram bastante os trabalhos de escavação.

Insere-se numa área relativamente bem estudada, onde se conhecem mais três monumentos megalíticos funerários e um habitat pré-histórico, todos referenciados pelo Dr. Rui Parreira. (Parreira, 1996)

3. Escavação

3.1. Metodologia da escavação

Uma vez que o principal objectivo da campanha era a escavação integral do interior do monumento funerário e a realização de sondagens na mamoa, optou-se por orientar a quadrícula em função do que era visível do monumento. Assim, a partir do meio do esteio de cabeceira, marcou-se, na perpendicular, um eixo que orientou um rectângulo com 6m de comprimento por 2m de largura. Deste modo foi possível englobar toda a estrutura megalítica.

A partir deste rectângulo, marcaram-se, na perpendicular, duas sanjas na mamoa, uma para Sul com 2m de largura e 4m de comprimento, e outra para Norte com 1m de largura por 2m de comprimento.

Os pontos foram cotados a partir de um prego implantado no terreno, com o valor 100, em termos planimétricos e altimétricos.

A quadrícula foi subdividida em quadrados de 2mx2m, designados por um sistema alfanumérico.

A escavação foi concebida em *open area* e o registo seguiu o método de Barker/ Harris. As unidades estratigráficas foram fotografadas, cotadas e desenhadas à medida que foram sendo identificadas. As terras foram todas crivadas a partir da U.E.0.

Foram recolhidas amostras de sedimentos, não crivadas, para futuras análises. De um modo geral, recolheram-se amostras de quase todas as U.E.s identificadas. Os carvões foram recolhidos individualmente, durante a escavação ou no crivo. Optou-se por não recolher os carvões das áreas onde apareciam mais raízes, dado o risco de poderem ser recentes.

No final dos trabalhos o monumento foi coberto com geotextil e gravilha.

3.2. Resultados obtidos

Logo na decapagem da U.E.0, recolheram-se dois fragmentos de sílex, um junto ao esteio de cabeceira (G-6) e outro na mamoa (F-4) e ainda alguns fragmentos de cerâmica de roda.

O prosseguimento da escavação permitiu identificar, inicialmente na parte terminal do corredor e depois, com a remoção da U.E.4, também no interior do monumento, uma camada pétrea (U.E.3) com pedras de pequenas dimensões e de diferentes composições (granitos, quartzo, quartzito), a qual parecia selar os estratos inferiores.

A escavação desta unidade e das camadas subjacentes permitiu recolher um conjunto significativo de cerâmicas de roda, de tipologia medieval, o que nos leva a supor uma eventual violação/reutilização do monumento durante a Idade

Média e verificar que, ao contrário do que inicialmente supúnhamos não existia nenhum nível pré-histórico conservado neste monumento. De facto, os materiais de roda apareceram até à base dos esteios tendo-se ainda identificado uma fossa com terras muito escuras, contendo igualmente algumas cerâmicas medievais.

Como já foi referido, a escavação no interior do monumento foi sendo sucessivamente dificultada pelo emaranhado de raízes e também pela existência de um dos esteios do lado Sul deslocado no interior do monumento. No lado Norte, atendendo ao espaço vazio e à dimensão dos outros esteios, devem ter desaparecido três esteios da câmara.

No interior do monumento, paralelo ao esteio de cabeceira e assente sobre o nível de base, encontrava-se um bloco de granito que, pelas suas dimensões e espessura pensamos tratar-se de uma das tampas da anta, tombada aquando da reutilização do monumento, uma vez que parte dela se estendia para Norte, ocupando parte do lugar onde faltam os esteios.

3.3. Unidades estratigráficas:

U.E.0

- Camada de terra castanha-acinzentada, muito humosa, com raízes.

U.E.1

- Nível subjacente à U.E.0 e que aparece por toda a área. É composto por uma terra castanha clara, com finos grãos de areia e mais compacta que a anterior.

U.E.2

- Pedras de dimensões médias e grandes que se encontram no exterior do monumento, junto aos esteios. 1.º anel da mamoa.

U.E.3

- Pedras de pequenas dimensões e diferentes composições (quartzos, quartzitos, granitos) que aparecem quer na parte terminal do corredor quer em todo o interior da anta. Esta unidade apresentava uma grande espessura, com várias camadas de pedras pelo que após o desenho e cotagem de um primeiro nível optámos por fazer um novo desenho da mesma estrutura, no nível inferior.

U.E.4

- Camada de terra castanha escura que aparece sob a U.E.1 e sobre a U.E.3 no interior do monumento; caracteriza-se por conter materiais (cerâmicas) e ser menos compacta.

U.E.5

- Camada de terra muito clara, castanha- amarelada, que aparece na mamoa nos quadrados F6, F5 e F4. Nível estéril.

U.E.6

- Camada que parece resultar da mistura da U.E.3 com a U.E.4. Caracteriza-se por ter muitas pedras de pequenas dimensões, com terras muito escuras, castanho-acinzentadas, e materiais de roda.

U.E.7

- Camada subjacente à U.E.6, no interior do monumento, com terras castanhas escuras. Os materiais continuam a ser exclusivamente cerâmicas medievais feitas a torno ou torno lento.

U.E.8

- Camada subjacente à U.E.3 à entrada do monumento composta por terras castanhas-amareladas, pouco compactas.

U.E.9

- Fossa estruturada com pedras de dimensões médias, no lado Este da tampa que se encontra caída na base do monumento.

U.E.10

- Enchimento da UE 9; constituído por terras castanhas-acinzentadas, muito escuras, com cerâmica de roda e fragmentos de cerâmica muito grossa, eventualmente tijolo ou telha. Subjacente à U.E. 7.

U.E.11

- Nível de base. Apresenta terras muito claras, castanhas amareladas, com mistura de pequenos blocos de quartzo.

3.4. Dimensões do monumento:

Todas as medidas apresentadas foram tomadas pelo interior da anta.

- Comprimento total: 4, 27m;
- Comprimento provável do corredor: 2m;
- Largura provável da câmara: 1, 40m. A ausência dos esteios laterais ao de cabeceira impede-nos uma leitura exacta;
- Largura do corredor: 0,25m.

4. ESPÓLIO

O espólio recolhido neste monumento pode ser dividido, por critérios tipológicos, em dois conjuntos.

Conjunto 1

É composto por materiais líticos (sílex) que devem corresponder à primeira fase de utilização do monumento. Estes materiais, sobretudo restos de talhe mas também alguns fragmentos de lâminas (algumas lamelares) e um geométrico, apareceram dispersos dentro e fora do monumento.

Conjunto 2

Conjunto composto por cerâmicas feitas a torno e a torno lento com alguns bordos extrovertidos. Apareceram ainda alguns fragmentos muito espessos, planos, que devem corresponder a cerâmicas de construção. Este conjunto deve corresponder à fase de violação/reutilização do monumento, algures pela Alta Idade Média.

QUADRO 1
Inventário da indústria lítica

	SÍLEX	QUARTZO	QUARTZOHIALINO
LAMELAS	3	1	-
LÂMINAS	1	-	-
CRESCENTES	1	-	-
ESQUÍROLAS	9	1	2
LASCAS	7	-	-
TRUNCATURA lamela	1	-	-
TRUNCATURA lâmina	1	-	-
FRAGMENTOS	7	2	-
OUTROS	1	-	-

QUADRO 2
Indústria lítica por quadrado

	E6	F4/5	F4	F5	F6	F7	G6
LAMELAS	-	-	-	-	-	-	2
LÂMINAS	-	-	-	-	1	-	1
CRESCENTES	1	-	-	-	-	-	-
ESQUÍROLAS	1	-	2	1	4	-	3
LASCAS	1	1	1	-	1	1	2
TRUNCATURA lamela	-	-	-	-	-	-	-
TRUNCATURA lâmina	-	-	-	-	-	-	1
FRAGMENTOS	-	-	3	-	1	-	3
OUTROS	-	1	-	-	-	-	2

QUADRO 3
Indústria lítica por Unidade Estratigráfica

	Lamela	Lâmina	Crescente	Esquírolas	Lasca retocada	Lasca	Truncatura lamela	Truncatura lâmina	Frag. Retocado	Fragmentos	Outros
U.E.0	-	-	-	4	1	-	-	-	-	2	-
U.E.1	-	1	-	2	1	-	-	-	1	-	2
U.E.2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
U.E.3	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-
U.E.4	1	-	-	-	-	1	-	-	-	1	-
U.E.5	-	-	-	2	-	1	-	-	-	3	1
U.E.6	1	-	-	2	1	-	-	-	-	-	-
U.E.7	2	-	-	1	-	-	1	1	-	-	-
U.E.8	-	-	1	1	-	1	-	-	-	-	-
TOTAL	4	1	1	12	3	4	1	1	1	6	3

QUADRO 4

Amostras de carvão recolhidas por Unidade Estratigráfica

CARVÕES	N.º amostras
U.E.0	0
U.E.1	0
U.E.2	0
U.E.3	0
U.E.4	1
U.E.5	4
U.E.6	0
U.E.7	1
U.E.8	1
U.E.9	1

QUADRO 5

Cerâmicas recolhidas por Unidade Estratigráfica

	Frag. Indeterminados	Bordos	Fundos	“Telhas”
U.E.0	5	1	–	–
U.E.1	2	–	–	–
U.E.2	–	–	–	–
U.E.3	6	–	–	3
U.E.4	97	3	–	4
U.E.5	13	–	1	–
U.E.6	36	1	1	3
U.E.7	24	–	–	4
U.E.8	–	–	–	3
U.E.9	7	–	–	6
Total	190	5	2	23

5. As Leituras Possíveis

5.1. Arquitectura

A escavação da anta do Couto dos Algarves 2 não nos forneceu, à partida, nenhuma informação segura sobre a cronologia da sua construção e primeira fase de ocupação. De facto, o estudo que estamos agora a iniciar, em pequenos monumentos megalíticos funerários alentejanos, com o intuito de se estabelecer cronologias pontuais e, dentro do possível, uma sequência regional para este tipo de arquitectura, não foi muito esclarecedor neste monumento em virtude da sua perturbação em época medieval.

5.2. Estrutura tumular

Este monumento apresentava ainda, como se referiu, uma mamoa muito visível na paisagem. No entanto, a escavação, com duas sanjas na mamoa (uma Norte e outra Sul) permitiu verificar que para Norte a mamoa se encontrava muito pouco definida, sendo composta por pequenas pedras, enquanto que

para Sul, apresentava uma estrutura diferenciada, com um anel de contenção encostado aos esteios, constituído por pedras de grandes dimensões.

5.3. Espólio

A análise preliminar da indústria lítica aponta, de uma forma genérica, para uma cronologia do Neolítico médio.

Os níveis arqueológicos pré-históricos foram completamente destruídos e não sabemos se alguns dos carvões recolhidos nos poderão oferecer uma datação fiável, deste período.

No interior da câmara, ao nível da base dos esteios, encontrava-se uma tampa do monumento. Pela sua posição (totalmente horizontal) e pelo facto de se encontrar mesmo na base dos esteios, pensamos que tenha sido aí colocada propositadamente pelas pessoas que violaram e reutilizaram o monumento.

Com o intuito de verificarmos se existiam níveis arqueológicos por baixo, realizaram-se duas pequenas sondagens, tendo-se verificado que esta estava assente sobre o nível estéril de base. Assim, e uma vez que a sua remoção implicaria a destruição do monumento, optámos por não a retirar, até porque não dispúnhamos, de momento, de meios, nem de pessoal qualificado para a restaurar.

Este tipo de reutilizações em monumentos megalíticos funerários é um fenómeno conhecido na área. De facto, nas escavações realizadas na Anta dos Penedos de S. Miguel (GONÇALVES et al, 1983-84), foi identificada uma ocupação medieval igualmente no interior do monumento; trata-se, neste último caso, de uma anta de grandes dimensões.

Medidas de protecção: No final da escavação o monumento foi integralmente coberto com geotextil e gravilha.

Agradecimentos:

Câmara Municipal do Crato pelo apoio financeiro e logístico.

Ao Presidente da C. M. do Crato, Dr. Correia da Luz e ao seu Vice Presidente, Dr. Mário Cruz, pela amabilidade e simpatia com que nos acolheram.

À D. Ana Rosa, das Termas da Flor da Rosa, pela disponibilidade e simpatia dada à nossa equipa.

Ao IPA – Extensão do Crato por nos terem ajudado sempre que foi necessário.

Ao proprietário, Sr. José Marcelino Gueifão Mouro Tavares pela autorização concedida para a realização dos trabalhos arqueológicos.

Ao meu amigo e colega António Faustino, pela identificação dos materiais líticos.

Aos meus colegas Rosário Fernandes, Gertrudes Branco, Vasco Santos e Andreia Santos e os estudantes Emiliano, Nacho, Maribel (Univ. Autónoma de Barcelona) e Sandra Rocha, pela sua participação nesta escavação.

A Manuel Calado, a revisão deste texto.

Bibliografia

- ARNAUD, J. M. (1978) - O megalitismo em Portugal: problemas e perspectivas. In *Actas das III Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: AAP.
- ARNAUD, J. M. (1982) - Néolithique Ancien et processus de néolithisation dans le Sud du Portugal. *Archéologie en Languedoc*. p. 29-48.
- CALADO, M. (1995) - *A região da Serra d'Ossa: introdução ao estudo do povoamento Neolítico e Calcolítico*. Lisboa: FLUL (edição policopiada).
- GONÇALVES, F. (1971) - *Subsídios para o conhecimento geológico do Nordeste Alentejano*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal (Memórias dos Serviços Geológicos de Portugal; 18).
- GONÇALVES, V. S.; TREINEN-CLAUSTRE, F., ARRUDA, A.; ZAMMIT, J. (1983-1984) - Anta dos Penedos de S. Miguel (Crato). *Campanha 2 (82). Clio/Arqueologia*. Lisboa, 1, p. 225-227.
- GONÇALVES, V. S. (1993) - O grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz: procurando algumas possíveis novas perspectivas, sem esquecer as antigas. *Seminário O Megalitismo no Centro de Portugal*. Mangualde. p. 1-21.
- LEISNER, G. e V. (1959) - *Die Megalithgräber der Iberischen: der Westen*. Berlin: Walter de Gruyter & Co. (Madriider Forschungen; 1).
- OLIVEIRA, J. (1995) - *Monumentos megalíticos da Bacia hidrográfica do Sever (Marvão, Castelo de Vide, Nisa, Valência de Alcântara, Herrera de Alcântara e Cedillo)*. Évora: Universidade de Évora (tese de doutoramento policopiada).
- PARREIRA, R. (1996) - *O conjunto de antas do Crato (Alto Alentejo). Contribuição para o estudo das antas portuguesas*. Porto (tese de mestrado policopiada).
- ROCHA, L.; CALADO, M. (1996) - Neolitização do Alentejo Interior: Os casos de Pavia e Évora. *Rubricatum. I Congrès del Neolític a la Península Ibèrica*. Gavà-Bellaterra. 2, p. 673-682.
- ROCHA, L. (1999) - *Povoamento Megalítico de Pavia. Contributo para o conhecimento da Pré-história Regional*. Setúbal: Câmara Municipal de Mora.
- ROCHA, L. (1999) - Aspectos do Megalitismo da área de Pavia, Mora (Portugal). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1: 2, p. 71-94.

5. As Leituras Possíveis**5.1. Arquitectura**

A escavação municipal do Crato, realizada em 1983-84, revelou a existência de uma cultura megalítica, que se manifestava através de estruturas de pedra, construídas em forma de antas. Estas estruturas, que são conhecidas por antas, são um tipo de túmulo megalítico, constituído por uma câmara subterránea, coberta por uma grande pedra, que é sustentada por pedras de apoio. Estas estruturas são geralmente construídas em forma de antas, e são conhecidas por antas. Estas estruturas são geralmente construídas em forma de antas, e são conhecidas por antas.



Foto 1 – Limpeza do monumento.



Foto 2 – Vista geral do sítio.



Foto 3 – Pormenor da escavação da câmara.



Foto 4 – Vista geral da câmara com a tampa caída no interior.



Foto 5 – Pormenor da U.E. 2.



Foto 6 – Pormenor da U.E. 9.



Foto 7 – Vista geral do corredor.

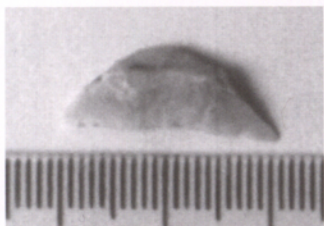


Foto 8 – Crescente.

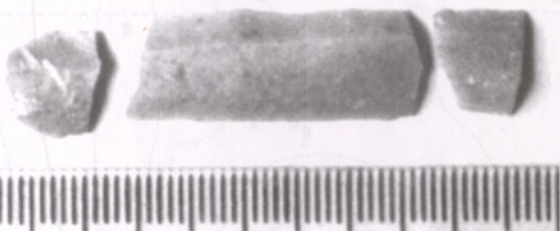


Foto 9 – Lâmina.

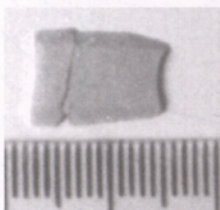
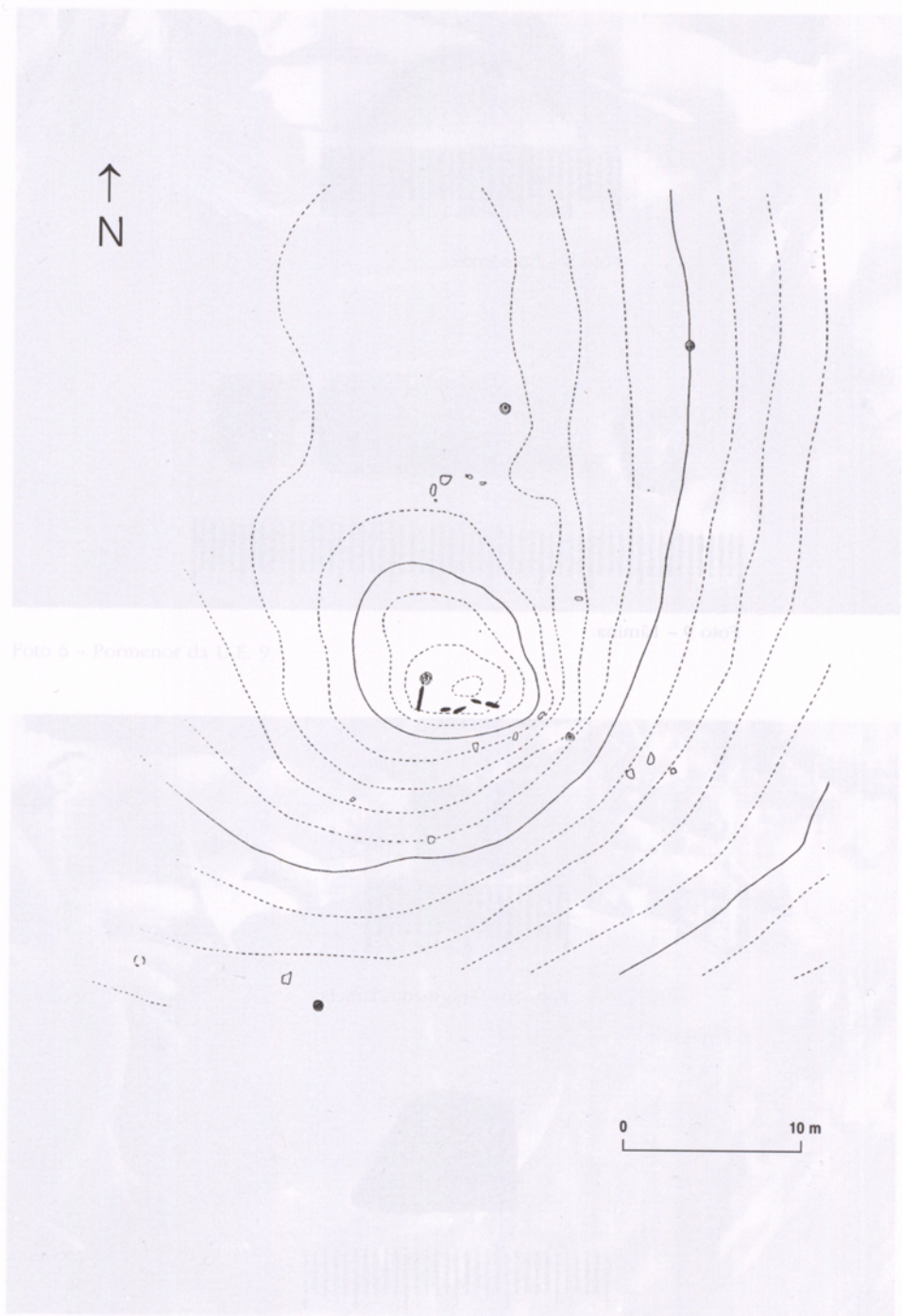


Foto 10 – Fragmento lamela.

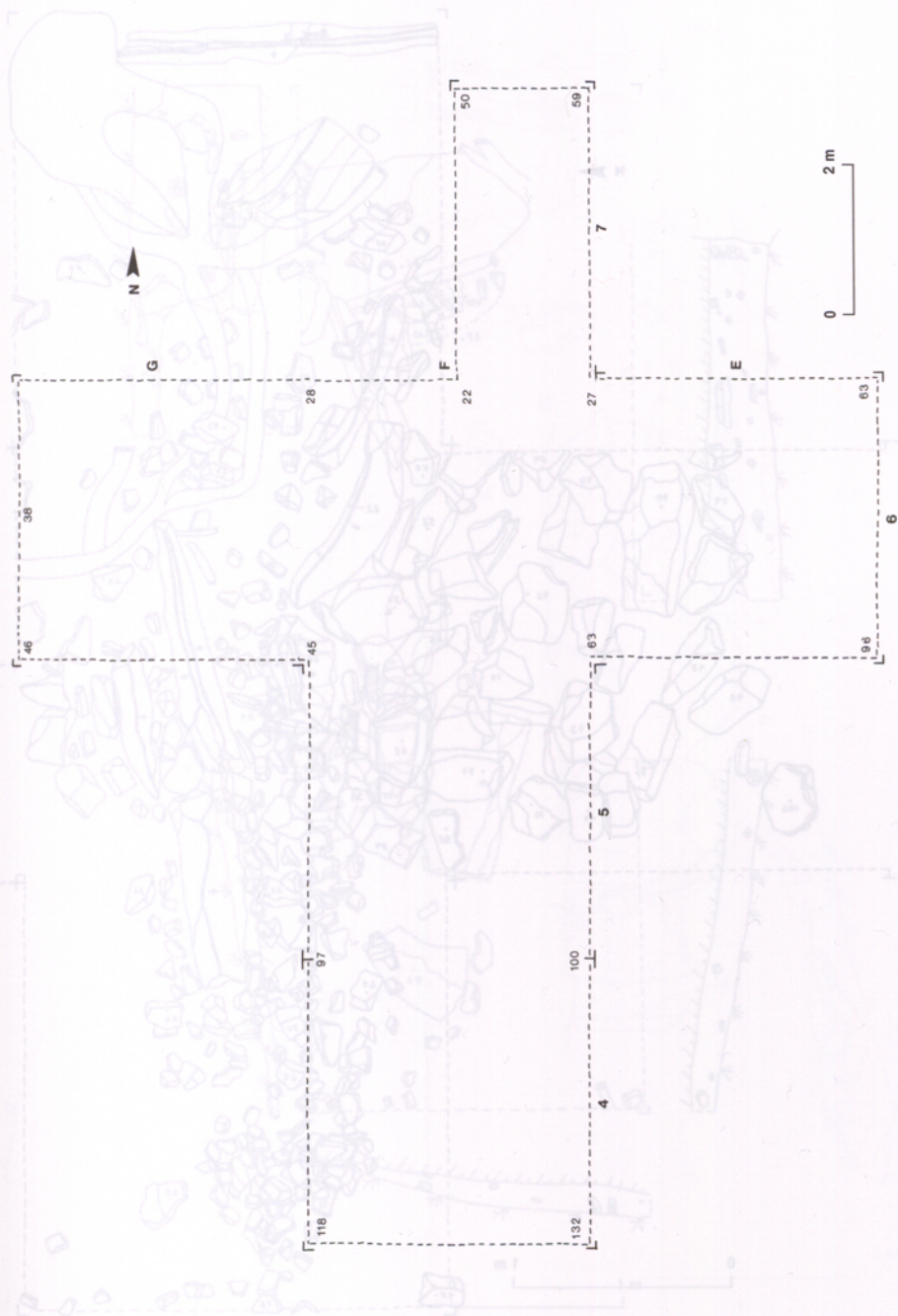


Foto 11 – Fragmento de lamela.

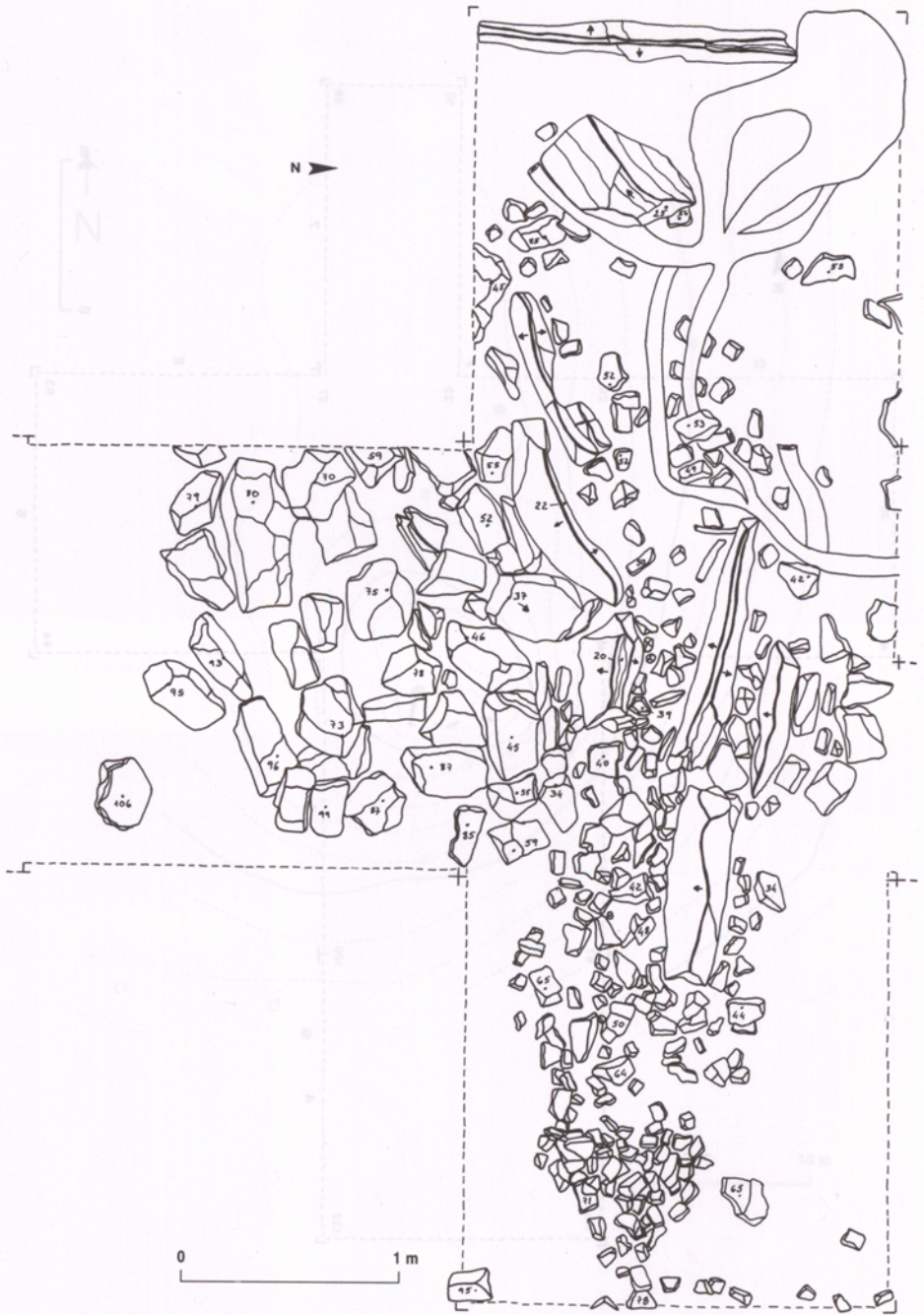
Planta 2 – Planta geral do sítio. Foto 11 – Fragmento de lamela. Planta 1 – Plano de levantamento do sítio.



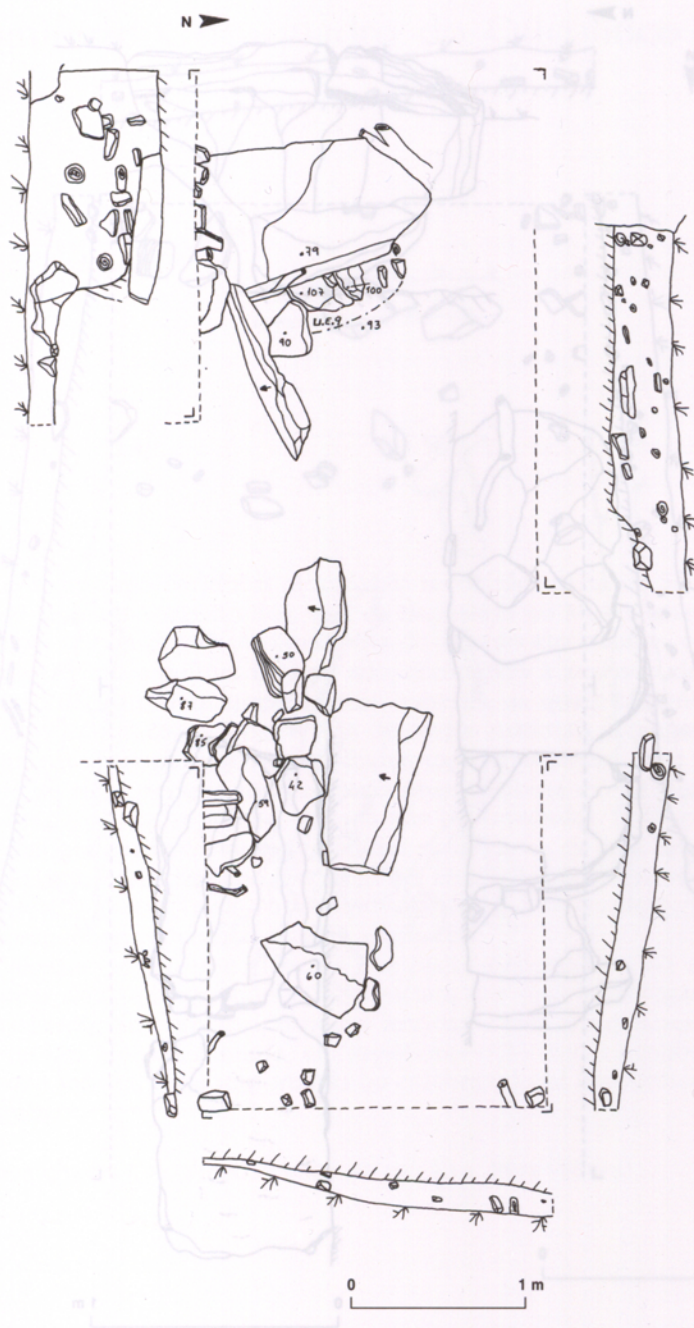
Planta 1 – Levantamento topográfico do monumento (sgd PARREIRA, 1996).



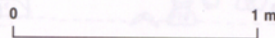
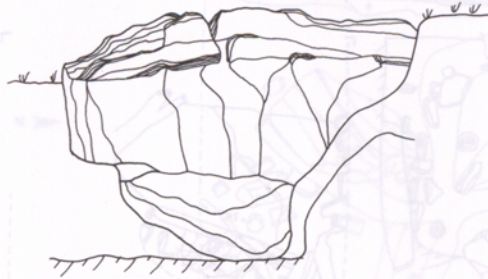
Planta 2 – Planta geral da escavação com a U.E.O.



Planta 3 – Planta da U.E.2 e U.E.3.

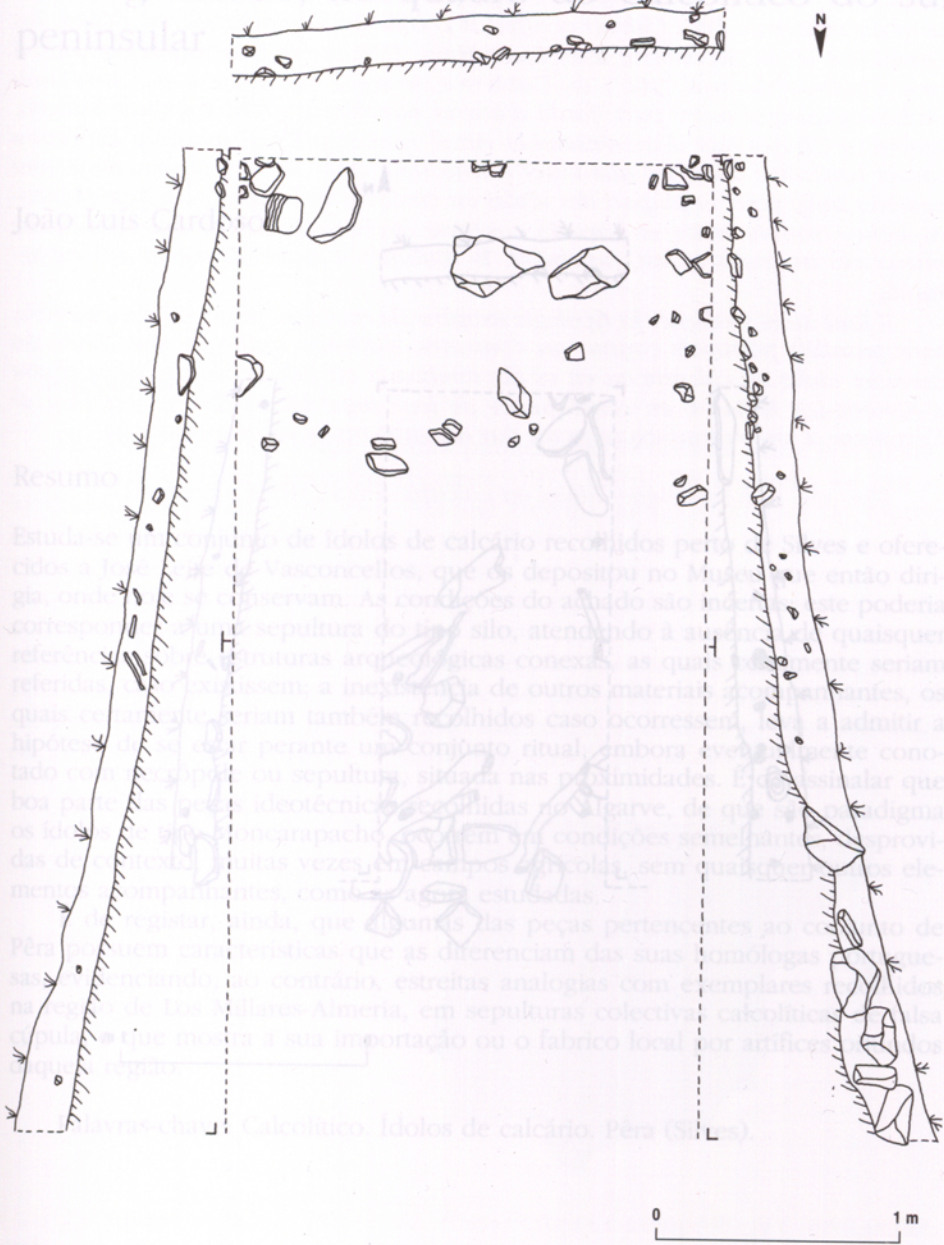


Planta 4 – Planta e perfis finais.

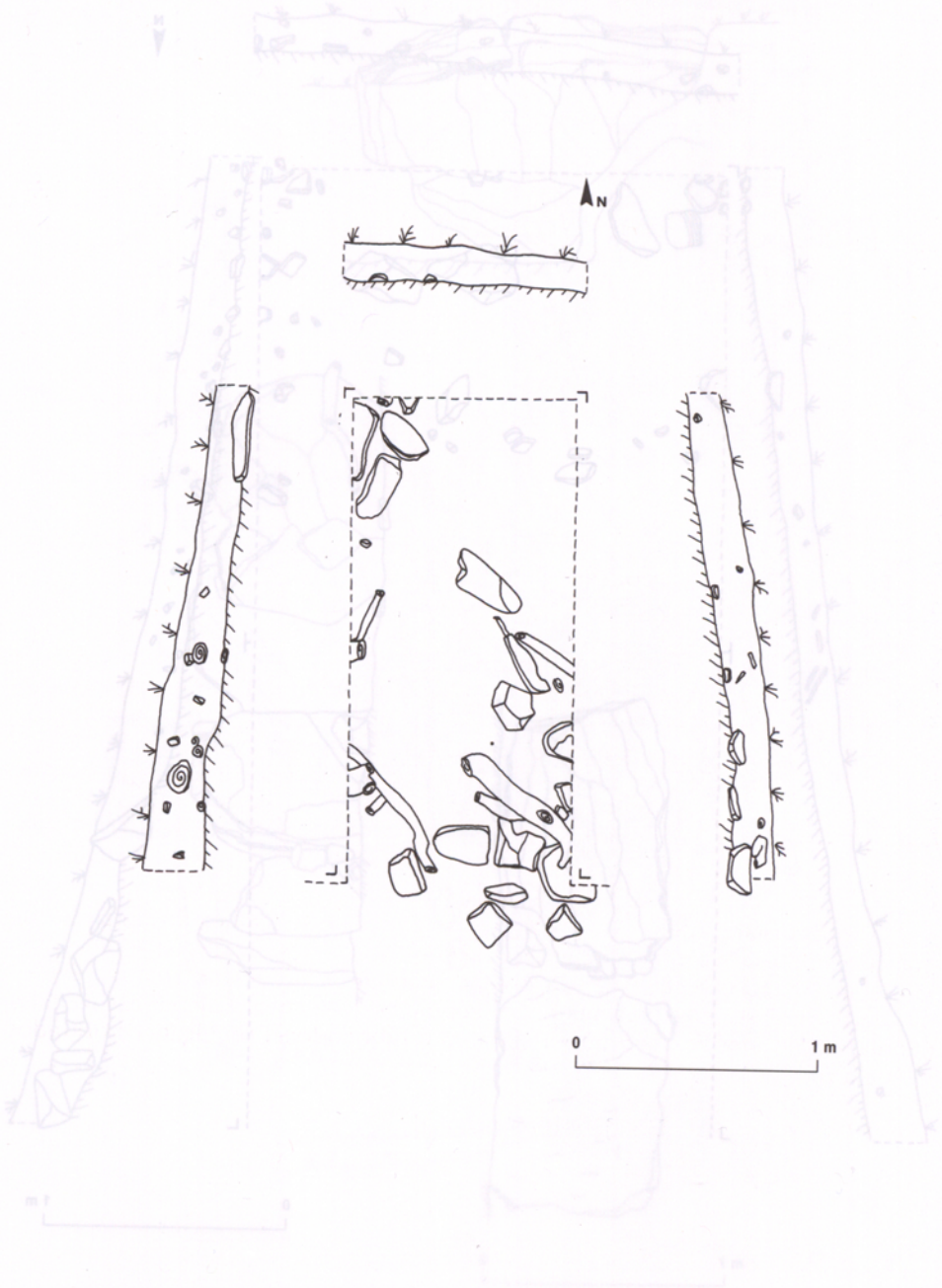


Planta 5 – Alçados Norte, Sul e Este.

Sobre os ídolos de calcário de Pêra (Silves) e o seu significado, no quadro do Calcolítico do sul peninsular



Planta 6 – Planta e perfis finais da sondagem Sul da mamoa.



Planta 7 – Planta e perfis finais da sondagem Norte da mamoa.